

Uma viajante belga no Rio Grande do Sul oitocentista: Eurocentrismo e transculturação

A Belgian traveler in 19th-century Rio Grande do Sul: Eurocentrism and transculturation

Maria Angélica Zubaran

Resumo

Este artigo investiga a narrativa de uma viajante estrangeira sobre o Rio Grande do Sul oitocentista. Procuramos comparar os seus escritos com os dos viajantes masculinos de forma a avaliar as semelhanças e peculiaridades do seu discurso e relativizar a imagem tradicional da mulher brasileira veiculada através da historiografia do século XIX.

Palavras-chave: Viajantes estrangeiros, eurocentrismo, transculturação.

Abstract

This paper investigates the narrative of a female foreign traveler on 19th-century Rio Grande do Sul. We seek to compare her writings with the travelogues of foreign male travelers so as to evaluate similarities and peculiarities of her discourse and to relativize the traditional image of Brazilian women widespread in the 19th-century historiography.

Key words: Foreign travelers, eurocentrism, transculturation.

Ao longo do século XIX, foram inúmeros os viajantes europeus que visitaram a América do Sul e são múltiplas as imagens que estes estrangeiros registraram sobre o Brasil imperial em seus diários, cartas e relatórios, constituindo-se numa extensa literatura de viagem sobre o Brasil oitocentista. Suas narrativas tiveram um impacto significativo no imaginário de europeus e também dos brasileiros e, como afirma Marie

Louise Pratt, suas representações sobre a América Latina contribuíram para a construção de uma nova consciência planetária centrada não mais na Península Ibérica mas na Europa Setentrional (Pratt, 1999).

De um modo geral, o incremento das viagens de visitantes estrangeiros e de suas produções culturais deve ser compreendido no contexto da expansão capitalista e neocolonialista

Maria Angélica Zubaran é Ph.D. em História pela SUNY, EUA; Coordenadora do Curso de História da Uibrá. Trabalho resultante de projeto de pesquisa junto à Diretoria de Pesquisa da Uibrá em 2000, com a Professora Naira Vasconcelos e a aluna pesquisadora Carla Correa Marcon

Textura	Canoas	n. 3	2º semestre de 2000	p. 13-22
----------------	--------	------	---------------------	----------

européias e na conjuntura das independências políticas latino-americanas, do início do século XIX. Ao mesmo tempo, vale ressaltar que desde o século XVIII desenvolve-se na Europa um público leitor de classe média, ávido pelas notícias de terras distantes e exóticas e, portanto, consumidores desta literatura de viagem sobre o “novo mundo”. Os primeiros viajantes estrangeiros a aportarem na América do Sul no século XIX foram os britânicos, dado o domínio da Grã-Bretanha no intercâmbio comercial com o América do Sul. Estes foram logo seguidos pelos franceses, holandeses e alemães. Os principais centros de atração para os viajantes europeus foram o Brasil e o México, seguidos da Argentina e do Peru. Na lógica de dominação imperialista, o Brasil oitocentista apresentava-se como uma jovem nação de natureza prodigiosa e com um grande potencial de desenvolvimento, mas onde quase tudo ainda estava por ser feito, justificando, portanto, a intervenção civilizadora dos viajantes europeus cujos valores auto-referentes serviam como parâmetro de civilização. Como já mostrou Sérgio Buarque de Holanda, no século XIX o Brasil foi “redescoberto” em virtude do grande número de estrangeiros que aqui chegaram após o fim do exclusivismo comercial português.

A grande maioria dos viajantes estrangeiros que aqui chegaram eram homens, sendo, portanto, reduzido o número de mulheres-viajantes no Brasil oitocentista. Ainda menor é o número de viajantes-mulheres autoras de livros de viagens, o que se explica em função de sua posição subordinada na sociedade que limitava sua educação e sua capacidade de escrever e publicar. Miriam Moreira Leite nos informa que dos cento e cinquenta viajantes levantados em sua pesquisa sobre viajantes no Rio de Janeiro no século XIX foram encontradas apenas cinco mulheres viajantes na primeira metade do século e doze na segunda, o que mostra que, apesar do pequeno número, a proporção de mulheres-viajantes cresceu ao longo do século XIX (Leite, 1997, p.100). O aumento do número de mulheres-viajantes no século XIX parece ter resultado do desenvolvimento dos transportes transatlânticos, particularmente, de linhas regulares de navios à vapor, mais rápidos e mais baratos, entre a Europa e o Brasil.

Conforme June Hahner (1998, *introdução*,

on), as motivações femininas para participarem de viagens transatlânticas rumo a América do Sul podiam ou não se assemelhar às motivações masculinas. Enquanto os homens-viajantes seguiam preferencialmente o chamado de suas ocupações, aventurando-se como naturalistas, mineralogistas, engenheiros, agrônomos, desenhistas, diplomatas, comerciantes, militares e missionários, a maioria das mulheres viajavam como esposas e auxiliares de seus maridos e algumas como professoras, governantas dos filhos de famílias burguesas, como missionárias, ou ainda a procura de uma vida melhor. A maioria delas viajava acompanhada do marido ou de outros familiares. Os limites impostos às mulheres européias no início do século XIX determinavam o tipo de experiência permitida a estas viajantes assim como os assuntos próprios para serem comentados em seus livros de viagem. De uma maneira geral, os assuntos considerados próprios para serem comentados por mulheres eram os religiosos, os filantrópicos e os sociais, conformando-se desta forma aos padrões de feminilidade da época.

Neste trabalho, gostaríamos de avaliar, primeiro, em que medida a narrativa da viajante belga Marie van Langendonck apresenta uma retórica ou enunciados discursivos diferenciados dos relatos dos viajantes masculinos do século XIX. Em segundo lugar, gostaríamos de analisar as imagens sobre a condição feminina nos seus relatos, tanto no que diz respeito aos seus testemunhos sobre as mulheres que encontrou no Rio Grande do Sul, como sobre sua própria condição de mulher viajante estrangeira, o que Miriam Moreira Leite chama de uma dupla documentação sobre mulheres, compondo-se de uma visão interna e de uma visão externa da condição feminina no Rio Grande do Sul. Como destacou Miriam Moreira Leite, os relatos de viagem destas viajantes-autoras nos permite recuperar uma série de aspectos da vida cotidiana não incluídos habitualmente em outros relatos, particularmente, com relação ao espaço ocupado pelas mulheres em seus diferentes papéis na vida cotidiana, o que se explica em função das oportunidades ímpares que as viajantes desfrutavam de acesso ao interior das casas onde estabeleciam contatos que forneceram valiosos *insights* sobre a vida feminina (cfe. Quintaneiro, 1995, p.43).

Interessa-nos ainda, investigar nos relatos de Marie Langendonck sobre as mulheres da serra gaúcha e da capital a pluralidade de condições femininas e contribuir, desse modo, para relativizar a imagem tradicional da mulher brasileira predominante na historiografia do século XIX que generalizava para diferentes etnias e classes sociais as experiências das mulheres da elite.

A viajante belga Marie van Langendonck (1798-1875), autora de *Une colonie au Brésil: récits historiques* (Antuérpia, 1862), veio para o Brasil num contexto que combinou planos familiares e sonhos pessoais com a política de imigração-colonização do governo da província na região da serra no Rio Grande do Sul. A motivação de ordem prática para a viagem de Marie para o Brasil parece ter sido a de tomar posse das terras que a empresa de colonização de Montravel, Silveira & Cia, fundada em 1855, havia lhe destinado na região do Caí, na colônia de Santa Maria da Soledade, que atualmente corresponde as cercanias de São Vendelino. A Sociedade Montravel comprometera-se com o governo da província de introduzir 1440 colonos na região do Caí. A colônia Santa Maria da Soledade fora criada no ano de 1856 e de acordo com o relato de Marie, os Langendonck foram a terceira família que veio morar nas quatro léguas quadradas que a sociedade Montravel deveria povoar. (M. Langendonck, p. 24) A população da colônia em 1859 era de 263 famílias com 1240 pessoas, dos quais a maioria eram alemães (904), seguidos dos holandeses (201), brasileiros (81), suíços (40), franceses (1) e 13 belgas, entre eles, os Langendonck.¹

Marie saíra da Bélgica em abril de 1857, no brigue "Amanda" com destino ao porto de Rio Grande junto com cento e cinquenta emigrantes alemães. Cinquenta destes colonos desembarcaram em Porto Alegre em julho de 1858, vindos de Rio Grande no vapor Continentista e contratados pelo agente de colonização Conde de Montravel, que custeara suas despesas de viagem, para coloniza-

rem a colônia de Santa Maria da Soledade.² Marie permanecerá na colônia até 1860, quando retornará para Porto Alegre e daí para o Rio de Janeiro rumo a Bélgica. Sua estadia é, portanto, de mais ou menos 2 anos no Rio Grande do Sul, envolvendo tanto a vivência rural da serra gaúcha como a experiência nos centros urbanos de Porto Alegre e do Rio de Janeiro.

É importante salientar ainda, que as viagens dos europeus rumo a América no século XIX estão também relacionadas com as duras condições de vida criadas na Europa pelo processo de industrialização e urbanização crescente. A própria Marie nos revela a difícil situação econômica de seu país de origem, que certamente funcionou como estímulo para a emigração para o Brasil:

De ano em ano a vida torna-se mais cara na Bélgica, os aluguéis não têm mais limite de preço, e o menor pedaço de terra é inatingível para as bolsas modestas. Assim é que os que vivem de sua pequena renda e os empregados subalternos vivem com dificuldade; os operários vivem miseravelmente, por causa da insuficiência do salário. (Langendonck, 1862/1990, p.61-62).

Entre as outras motivações que levaram Marie e seus filhos a emigrarem, estava a forte atração de Marie pela floresta virgem americana, seu sonho romântico de conviver com a natureza primitiva que, na sua percepção, se contrapunha ao mundo dos vícios, associados à civilização européia. Como observou Augusto Meyer, Marie fazia parte dos desiludidos da Europa, fascinados pela miragem americana das terras virgens, pelo paraíso americano e atraídos pela propaganda colonialista na Europa (Meyer, 1990, p. 8).

Na verdade, de nada serviram as advertências do próprio conde de Montravel quanto à insegurança da vida para uma senhora (de sessenta anos!) na serra gaúcha em meio à floresta virgem (Barreto, 1976, pp.788-789). Nada deteve Marie que assim se manifesta sobre os conselhos de Montravel:

O Sr. de Montravel tentou fazer-me abandonar o projeto de ir explorar as matas virgens:

¹Relatório apresentado à Assembléia Provincial de São Pedro do RGS, na sessão da 9a. Legislatura pelo Conselheiro Joaquim Antão Fernandes de Leão, p. 33, 1860, Solar dos Câmara.

²Registro da Chegada de Imigração, p. 43, 1858, AHRGS.

eram palavras perdidas. Desde a idade da razão que a palavra floresta virgem dava livre curso à minha imaginação e deixava em mim o desejo violento de possuir uma. O dia em que se realizaria esse sonho chegava enfim; poucas léguas me separavam dessa meta em cuja direção minhas aspirações tinham sido durante tanto tempo orientadas; os raciocínios mais lógicos foram, pois, inúteis; nada poderia abalar minha resolução (Langendonck, 1862/1990, p. 13).

Semelhante a outras mulheres-viajantes, Marie van Langendonck transgredira algumas das convenções tradicionais referentes à mulher no século XIX, na medida em que com a viagem, ampliara o espaço socialmente atribuído às mulheres, ausentando-se da casa e da cidade e expondo-se a perigos de uma travessia transatlântica. Da mesma forma, como a maioria das mulheres-viajantes do século XIX, Marie viajou acompanhada de familiares, no caso, de dois de seus filhos mais velhos o que corrobora, como salienta Miriam Moreira Leite, a inserção inseparável e obrigatória da mulher na família. No que diz respeito a seu estado civil, tudo leva a crer que sua condição de viúva, do oficial Jean Remi Felicien Philippe van Langendonck, facilitou-lhe a viagem, liberando-a das obrigações de esposa e possivelmente proporcionando-lhe algumas economias. Como afirma Miriam Moreira Leite (1997, p.105), as viúvas sempre tiveram uma autonomia legal e efetiva maior que as mulheres solteiras e casadas. Marie van Langendonck era católica, de ascendência aristocrática e recebera educação esmerada. Já na década de 1840, Marie publicará na Bélgica dois livros de poesia, e, portanto, neste aspecto, seu perfil difere das outras mulheres-viajantes-autoras do século XIX, pois romperá com as restrições à expressão pública da mulher antes da viagem para o Brasil.³ Tal fato nos explica a autoria assumida do livro sobre o Brasil quando tantas outras viajantes recorriam ao anonimato ou ao pseudônimo para resguardarem-se das angústias da publicação.

O texto de seu livro sobre a estadia no Brasil é um relato na primeira pessoa escrito

após seu retorno à Bélgica e, como afirma Miriam Moreira Leite (1997, p. 31), é a narrativa de um mundo novo visto de passagem, com a percepção revista na recordação e perturbada por condições de existência real e das expectativas do público do país de origem. O livro inicia com o registro da travessia do porto de Antuérpia na Bélgica, em 30 de abril de 1857, até a chegada no porto de Rio Grande em 1858.

As primeiras impressões da viajante sobre a cidade de Rio Grande são de uma cidade bastante animada, mas sem conforto, onde "a vida é cara e se vive mal". Em vinte e quatro horas os emigrantes seguiram em um barco a vapor para Porto Alegre onde foram recebidos pelo Conde de Montravel e alojados em sua residência. As referências de Marie sobre a cidade de Porto Alegre são as de uma cidade bonita, toda nova, construída sobre um terreno acidentado. A viajante observa, como outros viajantes riograndenses, a grande influência dos alemães e dos portugueses no comércio da cidade.

Após dez dias passados em Porto Alegre, alojada na residência do Conde de Montravel, Marie deslocou-se em um lanchão (pequena embarcação com convés) pelo rio Jacuí rumo a colônia de Santa Maria da Soledade. A primeira parada foi na propriedade do major Guimarães, proprietário de uma casa de comércio na região, onde os viajantes abasteceram-se de cavalos para montarem e de mulas para carregarem as bagagens e prosseguiram a cavalo. Da sede dos escritórios da sociedade Montravel para a colônia foram dois dias de marcha e Marie decidiu ir a pé acompanhada de um peão que levava os pertences de cama e algumas provisões em uma mula. Marie descreve o momento do repouso, ao entardecer, ao pé de uma pequena nascente, onde o guia arrumou os colchões sobre camadas de gravetos e segundo a autora, fez fogo e aqueceu feijão preto e a carne de porco no ponto certo para o jantar. Marie comenta ainda a comunicação com o seu guia, em parte por gestos, em parte em mau alemão, o qual tratou de assegurar-lhes que não corriam perigo pois nessa época os tigres não passavam fome (Langendonck, 1862/1990, p. 24). Sobre os primeiros dias na colônia, Marie registra:

Foram tão doces, tão agradáveis os primeiros dias passados em família neste rancho, (...) no coração

³ Em 1841 publica em Bruxelas o livro *Aubepinés* e em 1846 publica em Malines o livro *Heures Poétiques*. Cf. Langendonck, Marie van. *Uma colônia no Brasil: relatos históricos*. Tradução de Dora Lindenberg van Langendonck. Campinas: PUCCAMP, 1990, p.11.

de uma floresta imensa, onde mil vozes, mil ruídos desconhecidos tinham um estranho encanto, onde esta nova natureza parece transformar o homem e se compadece das mesquinhas da civilização europeia (idem, p. 41).

Pode-se perceber já nesta citação a manifestação da estética romântica que dominou por um longo período o século XIX e que será a marca do discurso subjetivo da poeta Marie que vê a natureza como algo supremo e que preza seus aspectos agrestes e inacessíveis em detrimento de sua ordenação racional (cfe. Cândido, 1993). Por outro lado, também observamos na narrativa de Marie comentários de cunho pragmático que revelam como observaram Mariza Velloso e Angélica Madeira (1999, p. 73), as várias estratégias de dominação colonial e os desígnios euroimperialistas na América do Sul, uma retórica semelhante a dos viajantes-escritores pertencentes a chamada "vanguarda capitalista". Deste teor são os seus comentários sobre as vantagens da instalação de uma colônia belga no Rio Grande do Sul, visto por Marie como um potencial mercado consumidor para os produtos belgas:

Uma colônia belga, por exemplo, dirigida por belgas, na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde o clima é ameno e saudável, situada na vizinhança de um rio, seria um elemento considerável de prosperidade para os colonos e consequentemente no futuro um mercado vantajoso para os produtos industriais da Bélgica (Langendonck, 1862/1990, p.41).

Marie Langendonck, como outros viajantes estrangeiros do Brasil oitocentista, revelou o estranhamento do olhar estrangeiro com relação às práticas religiosas dos católicos locais, particularmente, à participação das mulheres na igreja durante as cerimônias da Semana Santa em Porto Alegre.⁴ De acordo com a autora, as mulheres transformavam as cerimônias da Semana Santa em festa e a igreja em lugar de reunião e de socialização. Assim comenta a autora:

No Brasil as igrejas estão em festa neste dia. A sua

⁴ Como afirma Tania Quintaneiro (1995, p.77), os estrangeiros questionavam o esmero com que as brasileiras, exatamente como seus ancestrais portugueses, dedicavam-se aos rituais religiosos.

iluminação ofusca, as portas abertas de par em par deixam entrar os ruídos do tumulto da rua. As senhoras em roupas resplandecentes chamam atenção pelo decote do vestido que descobre os ombros. Os braços nus e a cabeça descoberta, parecem estar prontas para o baile. Elas sentam-se ao chão apesar de estarem untuosamente vestidas. Algumas se sentam sobre os degraus do altar, virando as costas ao tabernáculo; aí elas conversam, riem, comem doces e certamente nenhuma pensa na solenidade do dia (...). Para elas a igreja é, neste dia, um lugar de reunião onde se encontram os conhecidos, onde se mostra um vestido de seda novo e onde se combina como se rever nas procissões de Sexta-feira Santa e na da Ressurreição. (Langendonck, 1862/1990, p. 49).

No entanto, os comentários de Marie sobre a religiosidade das mulheres brasileiras reforçam o que Miriam Moreira Leite (1997, p.75) já destacara, a participação das mulheres brancas da elite em esferas distintas da vida da comunidade. Assim, Marie contribui para relativizar o estereótipo da reclusão das mulheres brasileiras tão alardeada pelos viajantes estrangeiros masculinos revelando suas participações nas festas religiosas e nas festas juninas.

Como outros viajantes estrangeiros, Marie destacou a rígida vigilância sobre o comportamento das mulheres da elite em Porto Alegre. Por exemplo, era-lhes proibido receber visitas masculinas sob pena de ficarem mal faladas. Ela comenta sobre a esposa do médico alemão Dr. Einzelmann, que segundo ela, era o médico da moda em Porto Alegre, "... sua conduta como esposa era exemplar e não dava azo a uma sombra de maledicência. Ela recebia pouca gente, nunca homens, a não ser os que vinham acompanhando as esposas" (Langendonck, 1862/1990, p.48).

Por outro lado, a narrativa de Marie permite-nos um primeiro contato com o universo das mulheres negras escravas no Rio Grande do Sul e, neste sentido, diferente da maioria dos viajantes estrangeiros que, como notou Miriam Moreira Leite, ignoraram a existência das mulheres pobres e das negras, escravas e livres e centraram seus relatos nas mulheres brancas de camadas abastadas (cfe. Queiroz, 1984). Assim relata Marie Langendonck sobre a escrava Flora, de Porto Alegre:

Flora era a escrava predileta da Sra. Guimarães; ti-

nha nascido na casa de seu pai que a destinou à sua filha no dia em que esta veio ao mundo. Flora tinha doze anos nessa ocasião. Logo começou sua aprendizagem para tornar-se uma criada perfeita. Ensinaram-lhe todos os trabalhos manuais, tornou-se hábil em tudo o que se lhe mostrava, ficando assim verdadeiramente uma subordinada preciosa para sua jovem patroa. Eu vi colarinhos de camisas bordados em crivo por ela no próprio tecido, imitando a mais elegante renda. Ela confeccionava vestidos, costurava toda a roupa de casa, lavava, passava e era, além disso, uma cozinheira perfeita. Enfim, suas qualidades faziam esquecer a sua feiúra que era repelente (Langendonck, 1862/1990, p.19).

O comentário de Marie nos remete de imediato a uma prática muito comum na escravidão brasileira, qual seja, a dos pais doarem uma escrava a suas filhas para os trabalhos domésticos. Desta forma liberava-se as mulheres brancas das camadas dominantes do cuidado com os filhos, das tarefas domésticas e nos centros urbanos, até das compras, preservando-se o ócio como um elemento de prestígio dos grupos “aristocráticos” o que contrastava com os muitos afazeres das “criadas perfeitas”. O comentário de Marie sobre a feiúra repelente da escrava Flora dá-nos conta do racismo biológico da segunda metade do século XIX e das teorias sobre a inferioridade racial do negro.

Ainda quando de sua estadia na residência do casal Einzelmann na capital gaúcha Marie relata um episódio envolvendo a venda de uma escrava “rebelde” e a separação da família escrava proibida por lei desde 1885. A proprietária da escrava era uma padeira o que evidencia mais uma vez a posse de escravos urbanos entre as camadas de baixa renda. No que se refere a resistência da escrava, contribui para refutar a tese da coisificação subjetiva e do conformismo do escravo doméstico no Rio Grande do Sul defendida por Fernando Henrique Cardoso na década de setenta (cfe. Cardoso, 1977). Conforme Marie:

Assim é que um dia uma padeira, cliente do doutor, queria vender uma negra, boa cozinheira, mas de uma insolência incorrigível. A escrava ficaria contente de trocar de patrão se não fossem seus dois filhos, a quem a padeira queria conservar consigo. A negra sofria tanto mais dessa próxima sepa-

ração porquanto ela conhecia a pouca indulgência de sua patroa em relação aos jovens escravos. Ela falou de seu desgosto ao doutor Einzelmann, o qual [aceitou] comprar os três escravos, caso os quisessem vender. A padeira não quis ceder a não ser a mãe e sua filhinha de dois anos, que foram comprados pelos esposos Einzelmann. Essa escrava não tinha a submissão dos outros negros, mas era fiel e dedicada a seus patrões (Langendonck, 1862/1990, p. 48).

Como outros viajantes, Marie também se manifestou sobre a ociosidade das mulheres brasileiras, no entanto, a viajante percebeu que a ociosidade estava associada à presença da escravidão que tornava indigno qualquer tipo de trabalho manual. Ela observa:

É a essa opinião, que servir é condição exclusiva do escravo, que se deve a repugnância das moças do povo pelos trabalhos de casa, mesmo aliás por qualquer trabalho. Elas não pretendem ser assimiladas aos negros e preferem procurar na prostituição os meios de subsistência (idem, p.20).

Interessante ainda, neste seu comentário, é a referência a prostituição entre as “moças do povo” também associada aos males causados pela escravidão. No entanto, também na Europa de Marie, a prostituição era uma realidade e obviamente não podia ser explicada pela presença da escravidão. O que o imaginário de Marie reproduz são as noções do discurso médico brasileiro do século XIX que acautelava a população contra a influência negativa e corruptora da escravidão entre os brancos (Machado, 1978). Como observa Jurandir Freire Costa (1989, p.122), no discurso médico oitocentista, o escravo tornou-se “animal” nocivo à saúde, apresentado como fonte de doenças orgânicas, como produtor de defeitos morais e como causa de prostituição.

As imagens de Marie Langendonck sobre a escravidão negra salientam alguns temas já destacados por outros viajantes estrangeiros, entre eles, o da amenidade da escravidão brasileira e da benevolência dos senhores de escravos no Rio Grande do Sul. Neste sentido, Marie parece compactuar com a idéia da democracia racial no Rio Grande do Sul que Gilberto Freyre, na década de trinta, transformará em

de colonização da Sociedade Montravel revelam o seu conhecimento da realidade e contrariam os limites impostos pelos padrões culturais de feminilidade do século XIX. Entre os principais problemas apontados por Marie para a colonização da região estavam as dificuldades no transporte das mercadorias das colônias para a capital, os privilégios dados aos colonos protestantes em detrimento dos católicos e a corrupção entre os diretores das colônias.

Como outras mulheres do século XIX, Marie também interpretou a ausência da presença masculina como desamparo, no seu caso, particularmente à noite, sentimento que manifestava sempre que seus filhos se afastavam da colônia ou por motivo de renovar provisões ou por motivos profissionais. Sobre a solidão assim se manifestou:

“Quando meus filhos iniciaram seu aprendizado de agrimensor, eu ficava frequentemente só durante algumas semanas. Que noites eu passava então em ansiedades mortais!” (idem, p.36)

Marie sentia-se despreparada para enfrentar a vida na colônia, particularmente, os animais selvagens, tigres e cobras, bem como temia os ataques de índios “selvagens” e negros fugidos. As mulheres “do povo” que moravam na serra gaúcha, para surpresa da historiografia brasileira do século XIX, andavam fortemente armadas enquanto Marie, a estrangeira, não sabia atirar. Assim comenta sobre as mulheres da família Nunes, descendentes de indígenas com quem teve largo convívio: “Meu filho acendeu uma lanterna e saiu em direção à floresta. Ele encontrou com as mulheres da família Nunes (...) estavam munidas de armas de fogo e facas de caça. Serviam-se perfeitamente desses brinquedinhos” (idem, p. 35).

Podemos observar ainda, que em suas relações interpessoais Marie reconheceu o conhecimento do outro, apesar de diferente das normas científicas as quais estava acostumada. Por exemplo, ela aceitou as curas da senhora Nunes que possuía muitos conhecimentos sobre a flora medicinal das matas e que na falta de médico era quem atendia os colonos. Assim se manifesta: “Essas curas são incríveis, impossíveis mesmo do ponto de vista científico, no entanto elas são verdadeiras” (Langendonck, 1862/1990, p.30). E acrescenta: “De mi-

na parte eu estou persuadida que a imaginação representava muito em diversas curas da senhora Maximiliano, a quem os colonos atribuíam um poder oculto” (idem, p.31).

O relato de sobre a Festa Junina organizada na colônia pela família Nunes nos sugere mudanças em seu comportamento, apontando para uma transculturação, decorrente das suas vivências locais e da aderência as práticas cotidianas da comunidade. Ela diz:

O tempo estava chuvoso e frio; eram nove horas da noite, eu me aprontava para me deitar, quando Maneco, um irmão de Maximiliano (esposo da Sra. Nunes) veio buscar-me para a festa de São João. (...) Apesar de contra a vontade me decidi a seguir o mensageiro pele-vermelha. Tranquei minha cabana e entrei corajosamente na mata com meu companheiro. (...)

A senhora Nunes tinha previsto o lamentável estado em que cheguei. Diante de um fogo enorme me esperava uma tora de madeira, sobre a qual ela me fez sentar. Ela se ajoelhou diante de mim, descalçou-me, banhou-me os pés em água morna, calçou-me meias secas e um par de bonitos tamancos confeccionados por ela para mim. (...) A festa durou até a manhã seguinte. (idem, p.32)

Quando deixa a colônia para voltar para a Bélgica, Marie revela momentos de dúvidas íntimas que evidenciam a forte ligação com a colônia e, particularmente, com as matas da serra gaúcha. Assim registra a autora:

Que coisa estranha é o coração humano! Eu esperava com impaciência o momento de deixar a mata e agora que a havia deixado apenas há vinte e quatro horas, já sentia falta dela! Perguntava-me como conseguiria me afastar de coisas tão majestosas e belas. As florestas da Europa - rasgadas de caminhos retos e cómodos e de avenidas aristocráticas, onde as árvores podadas fazem efeito de uma paisagem pintada - são tão mesquinhas, comparadas a essa natureza tal qual saiu das mãos do criador... (idem, p.47).

Em momentos como este, o eurocentrismo cedia espaço ao imaginário da poeta e as práticas européias passavam a ser vistas crítica-

mente. Mais uma vez a América era imaginada como natureza conforme Humboldt a descrevera. No entanto, diferente dos relatos dos viajantes naturalistas, as pessoas locais marcaram a retórica e as vivências da autora, que ao voltar para Bélgica assim se refere sobre as relações de amizade com os locais:

Eu tinha recebido tantas provas de simpatia em Porto Alegre, tantas provas cordiais de amizade de algumas famílias, que era do meu dever ir lhes apresentar minhas despedidas. Essas despedidas me provaram mais uma vez que eu deixava verdadeiros amigos, desses corações dedicados cujo feitiço já não se encontra na Europa (idem, p.50).

Marie voltou para Bélgica no ano de 1860, após ter garantido o futuro de seus dois filhos contra todas as eventualidades da emigração: o mais moço ia se casar com uma jovem alemã e o mais velho estaria empregado em uma medição de terras virgens. Ela afirma: "(...) minha presença não sendo então indispensável, nem para um nem para outro, eu me ocupei nas providências para minha partida..." (idem, p. 50)

Consta que quando Marie e seu filho León abandonam a colônia rumo a Porto Alegre, a Sociedade Montravel, Silveiro & Cia lutava ainda com dificuldades para povoar a colônia de Santa Maria da Soledade. De acordo com Aldo Migot (1989, pp.201-202), o Conde de Montravel foi pessoalmente a Europa para contratar novos colonos para a colônia. No entanto, as dificuldades persistiram e já no ano de 1875 o Governo Imperial começou a introduzir imigrantes italianos na colônia de Santa Maria da Soledade, de tal forma que, tornaram-se maioria, superando os alemães.

A riqueza do livro de Marie permite-nos certamente muitas outras leituras, de acordo com os interesses de seus leitores. Nosso interesse foi, em primeiro lugar, situá-la entre os discursos dos outros viajantes estrangeiros no Brasil oitocentista, avaliando aproximações e distanciamentos. Acreditamos que o que distingue o relato da viajante Marie van Langendonck da narrativa dos demais viajantes-estrangeiros é, em primeiro lugar, a diversidade de relações sociais e interpessoais que ela estabelece durante sua estada no Brasil, resultado da

sua curiosidade em compreender seus interlocutores. Marie Langendonck assumiu durante sua permanência na colônia uma postura participativa na comunidade diferente dos viajantes homens que em geral evidenciaram uma atitude imperialista e interventora no que diz respeito ao conhecimento do outro. Desta forma, a autora permite ao leitor recuperar não apenas aspectos do imaginário das elites locais mas também parte do imaginário popular. Em segundo lugar, a viajante registra o cotidiano de mulheres de diferentes classes sociais e etnias contribuindo para relativizar os estereótipos sobre a mulher brasileira no século XIX freqüentes nas imagens textuais e visuais dos viajantes estrangeiros e, particularmente, matizando o estereótipo da reclusão da mulher brasileira. Podemos verificar ainda, uma perspectiva feminocêntrica nos relatos de Marie Langendonck, quando descreve imagens de poder feminino, exemplos de força e heroísmo de mulheres da colônia, como no caso de sua amiga indígena, Sra. Nunes. Há também imagens idealizadas de autonomia femininas, o que Mary Louise Pratt chama de feminotípias, referindo-se as viajantes mulheres na América Hispânica no século XIX.

Na narrativa de viagem da belga Marie o mundo privado de ambientação doméstica tem uma presença muito mais proeminente do que na narrativa dos viajantes homens. Ela descreve em detalhes a sua cabana em meio a floresta virgem da serra gaúcha e o mundo privado do interior da casa é antes de tudo o lugar da solidão, o refúgio de seu "eu", a área onde constrói sua subjetividade. Sua linguagem será também marcada por um estilo pessoal que evita estatísticas, o que coloca o leitor mais próximo do discurso poético do que do relato científico e classificatório do viajante naturalista ou do discurso pragmático da vanguarda capitalista da segunda metade do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Abeillard. **Bibliografia Sul-Rio-grandense**. Rio de Janeiro: Conselho Fede-



- ral de Cultura, Vol II, 1976.
- CANDIDO, Antonio. O Romantismo como posição do Espírito e da Sensibilidade. In **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1993.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.
- HAHNER, June (ed.). **Women through Women's Eyes: Latin American Women in Nineteenth-Century Travel Accounts**. Wilmington, DE: Scholarly Resources Books, 1998.
- LANGENDONCK, Marie van. **Une colonie au Brésil: récits historiques**. Anvers: Imp. L. Gerrits, 1862. Tradução brasileira sob o título *Uma colônia no Brasil: relatos históricos*. Tradução de Dora Lindenberg van Langendonck. Campinas: PUCAMP, 1990.
- LEITE, Miriam Moreira. **Livros de Viagem**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978
- MEYER, Augusto. "Da Estante dos Forasteiros", Artigo introdutório In **Notícia Bibliográfica e Histórica**, São Paulo: PUCAMP, 1990.
- MIGOT, Aldo Francisco. **História de Carlos Barbosa**. Caxias do Sul : EDUCS, 1989.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Viajantes, Século XIX: Negras Escravas e Livres no Rio de Janeiro" in Leite, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro, Séc. XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de Mulher: A brasileira vista por viajantes ingleses e norte-americanos durante o século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- VELLOSO, Mariza e Madeira, Angélica. **Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.